

DESDE JÁ, DIZER NÃO!

Esta edição temática sobre “Produtivismo Acadêmico” busca atualizar o leitor a respeito de um tema que, infelizmente, se tornou familiar à *Revista Adusp*, mas que nem sempre foi possível abordar em todas as dimensões e implicações. Decidimos, a par da publicação de material inédito, republicar textos que não são recentes, mas que consideramos relevantes na perspectiva de um tratamento minimamente sistemático (e incisivo) da questão. Nossos enfáticos agradecimentos aos meios de quem nos tornamos devedores: as revistas *Avaliação*, *Krisis*, *Lusófona de Educação*, *Scientiae Studia* e o *SIBi-USP*.

Vários dos trabalhos que agora publicamos revelam, ricamente, de que modo os irmãos siameses “Gestão (empresarial) das Universidades” e “Produtivismo Acadêmico” espalharam-se pelo mundo — e como colonizaram totalmente a vida universitária. O “Manifesto Acadêmico” de autoria dos pesquisadores holandeses Willem Halffman e Hans Radder, publicado originalmente em 2013, é um brilhante texto que decidimos traduzir, e que abre esta edição por diferentes motivos: sagacidade analítica, humor corrosivo, mas em especial o saudável convite à rebelião das “ovelhas” contra o *status quo*. Há que reagir!

A conferência de António Nóvoa, pronunciada em 2014, converge com o trabalho de Halffman e Radder não apenas no diagnóstico, mas também na saída proposta: “É tempo de dizer não”, de recusar, de reagir à intrusão da lógica mercantil-empresarial na vida universitária e nas ciências. Como não comparar Nóvoa, ex-reitor da Universidade de Lisboa, a destroçar em poucas linhas a tosca ideia de “universidade empreendedora”, a seu congênere M.A. Zago, que se orgulha de presidir a organização RedEmprendia, *factótum* do banco Santander dedicado a “criar uma forte cultura de inovação e empreendedorismo nas comunidades universitárias”?

O Processo de Bolonha é objeto de criteriosa, aprofundada análise de Licínio C. Lima, Mário L. N. de Azevedo e Afrânio M. Catani, em artigo de 2008 teimosamente atual. “Trata-se de [impor] um modelo institucional de feição gerencialista para as universidades, inspirado na atividade empresarial”, ao qual corresponde um “paradigma dominante de avaliação contábil e gerencial, baseado numa epistemologia positivista, que é justificado pelo papel atribuído à avaliação em termos de regulação da educação superior” (Nóvoa, que rejeita a “europeização”, dá exemplos devastadores do *modus operandi* do Processo de Bolonha).

A contribuição de Marcos Barbosa de Oliveira consiste no seu rico estudo do mais ostensivo “efeito colateral” do produtivismo: a *epidemia* de fraudes e plágios na ciência. O autor aponta o fracasso do que chama de “tratamento moralizador”; constata que a “relutância em enfrentar o problema do produtivismo como causa da epidemia deve-se ao conflito que adviria com elementos do ideário neoliberal, incorporados às novas formas de administração das atividades científicas”; e conclui que para atacar as causas seria preciso adotar novas modalidades de avaliação, nas quais predomine a qualidade, não a quantidade.

Temos ainda Marilena Chauí, a lembrar que a ciência se tornou força produtiva a serviço do capital, e a universidade transmutou-se em “organização”; João Ferreira de Oliveira e Thomas Wood Jr., a “avaliar a avaliação”, a apontar as contradições da Pós-Graduação brasileira; Bruno Kawasaki, a esquadrihar os paradoxos do sistema de avaliação da Capes; Marco Zingano, a devassar as distorções do Qualis Periódicos-Filosofia; Jean Pierre Chauvin, Tibor Rabóczkay, Paulo Hebmüller, a discorrer sobre o produtivismo *à la* USP..

Boa leitura, e que estimule a resistência!

O Editor